



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE MUSEOLOGIA

Ramoni Monteiro de Souza Silva

**O Museu Histórico de Brasília:
Um Museu monumento na Praça dos Três Poderes**

Brasília, DF
2022

Ramoni Monteiro de Souza Silva

**O Museu Histórico de Brasília:
Um Museu monumento na Praça dos Três Poderes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para obtenção do título de bacharel em Museologia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof^a. Dr.^a Ana Lúcia de Abreu Gomes

Brasília, DF
2022



FOLHA DE APROVAÇÃO

O Museu Histórico de Brasília: um museu monumento na Praça dos Três Poderes

Aluno: Ramoni Monteiro de Souza Silva

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

Banca Examinadora:

Aprovada por:

Ana Lúcia de Abreu Gomes - Orientadora

Professora da Universidade de Brasília (UnB)

Doutora em História - UnB

Clovis Carvalho Britto - Membro

Professor da Universidade de Brasília (UnB)

Doutor em Museologia - ULHT

Daniele Galvão Pestana Nogueira - Membro

Mestre em Ciência da Informação - UnB

Elizângela Carrijo - Suplente

Professora da Universidade de Brasília (UnB)

Doutora em Comunicação - UnB

Em 03/05/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Lucia de Abreu Gomes, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 05/05/2022, às 10:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **DANIELE GALVAO PESTANA NOGUEIRA, Usuário Externo**, em 05/05/2022, às 11:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Clovis Carvalho Britto, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 05/05/2022, às 13:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **8065752** e o código CRC **EE579B09**.

Referência: Processo nº 23106.049050/2022-26

SEI nº 8065752

SS586

Silva, Ramoni Monteiro de Souza

O Museu Histórico de Brasília: Um Museu monumento na Praça dos Três Poderes / Ramoni Monteiro de Souza Silva; orientador Ana Lúcia de Abreu Gomes. -- Brasília, 2022. 56 p.

Monografia (Graduação - Museologia) -- Universidade de Brasília, 2022.

1. Juscelino Kubitschek. 2. Modernismo. 3. Museu Histórico de Brasília. 4. Oscar Niemeyer. 5. Arquitetura Modernista. I. Gomes, Ana Lúcia de Abreu, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho.

Aos meus pais e irmã, que me incentivaram nos momentos difíceis.

A Prof^a. Dr.^a Ana Lúcia de Abreu Gomes por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade.

Aos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso.

Aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formando.

RESUMO

O presente trabalho propõe analisar a criação do primeiro Museu de Brasília, o Museu Histórico de Brasília (Museu da Cidade), dentro do contexto político da época, bem como a influência da imaginação museal de JK e seu envolvimento com os modernistas, especialmente os arquitetos. Neste sentido, este trabalho tem por objetivo identificar em que medida a política do governo JK, junto com a arquitetura e o modernismo concretizaram o Museu como monumento de poder. Para isso se utilizou revisões de literatura e análise de documentos, jornais e revistas ao qual se teve acesso, para apresentar o Museu Histórico de Brasília e as relações de Juscelino Kubitschek com os arquitetos modernistas desde sua experiência como prefeito de Belo Horizonte até a construção de Brasília e respectivamente a construção do Museu Histórico de Brasília.

Palavras-chave: Juscelino Kubitschek; Modernismo; Museu Histórico de Brasília; Oscar Niemeyer; Arquitetura Modernista

ABSTRACT

This article proposes to analyze the creation of the first Museum of Brasília, Historical Museum of Brasilia (City Museum), within the political context of the time, as well as the influence of JK's museum imagination and his involvement with the modernists, especially the architects. In this sense, this work aims to identify to what extent the JK government policy, together with architecture and modernism, made the Museum a monument of power. For this, literature reviews and analysis of documents, newspapers and magazines were used, to present the Historical Museum of Brasília and the relations of Juscelino Kubitschek with modernist architects from his experience as mayor of Belo Horizonte to the construction of Brasília and respectively the construction of the Historical Museum of Brasília.

Keywords: Juscelino Kubitschek; Modernism; Brasília Historical Museum; Oscar Niemeyer; Modernist Architecture

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Museu da Cidade em 21 de abril de 1960.....	15
Figura 2: A parada dos Candangos	19
Figura 3: Perspectiva Externa.....	20
Figura 4: Perspectiva Interna.....	21
Figura 5: Photo René Burri - 1960.....	21
Figura 6: Complexo da Pampulha.....	23
Figura 7: Maquete - Construções na Lagoa da Pampulha... ..	24
Figura 8: Paineis Desenhados por Oscar Niemeyer na Casa do Baile em 2003. ...	25
Figura 9: Maquete e Croquis explicativos do Museu da Cidade de Brasília por Oscar Niemeyer	28
Figura 10: Foto externa do Museu.....	30
Figura 11: Frase inscrita na parede interna do Museu... ..	30
Figura 12: Foto interna do Museu.....	31
Figura 13 e 14: Casa do Leitão, sede do atual Museu Histórico Abílio Barreto. ...	34
Figura 15: Planta de Belo Horizonte.....	34
Figura 16: Fachada Museu da Cidade.....	39
Figura 17: Museu Histórico de Brasília (foto de Júnior Aragão).	39

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

DF - Distrito Federal

GDF - Governo do Distrito Federal

Iphan - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

JK - Juscelino Kubitschek

PSD - Partido Social Democrático

Seccec - Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa

Sejus - Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania

STF - Supremo Tribunal Federal

Unesco - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

Novacap - Companhia Urbanizadora da Nova Capital

IAB - Instituto dos Arquitetos do Brasil

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Capítulo 1: Um museu na praça	15
Capítulo 2	
2 - O Modernismo Brasileiro na Arquitetura... ..	22
2.1 - Governo JK e a Construção de Brasília.....	26
2.2 - O Museu Histórico de Brasília... ..	28
Capítulo 3	
3 - Modernismo e Futuro	34
3.1- Arquitetura e Monumento.....	36
Conclusão.....	40
Referências.....	42
Anexo 1.....	46
Anexo 2.....	50

INTRODUÇÃO

Nosso tema de pesquisa gira em torno do primeiro museu de Brasília: o Museu Histórico da cidade¹. Ao longo das disciplinas ministradas no Curso de Museologia, ocasionalmente se destacava não só seu pioneirismo, mas o fato desse pioneirismo estar atrelado à própria inauguração da capital. Como é do conhecimento de todos, Brasília é resultado de um ato de planejamento urbano. Na proposta de n. 22 apresentada ao concurso de projetos para a construção da futura capital, Lucio Costa propunha em um dos itens concernentes ao que hoje conhecemos por Esplanada dos Ministérios que, em sua sequência no setor cultural, houvesse museus. Alinhando os ministérios, Lucio Costa destaca a sua ordenação eo lugar reservado ao setor cultural.

[...] sendo o último o da Educação, a fim de ficar vizinho do setor cultural, tratado à maneira de parque para melhor ambientação dos museus, da biblioteca, do planetário, das academias dos institutos, etc., setor este também contíguo à ampla área destinada à Cidade Universitária com o respectivo Hospital de Clínicas, e onde também se prevê a instalação do Observatório. A Catedral ficou igualmente localizada nessa esplanada, mas numa praça autônoma disposta lateralmente, não só por questão de protocolo, uma vez que a Igreja é separada do Estado, como por uma questão de escala, tendo-se em vista valorizar o monumento, e ainda, principalmente, por outra razão de ordem arquitetônica: a perspectiva de conjunto da esplanada deve prosseguir desimpedida até além da plataforma, onde os dois eixos urbanísticos se cruzam. (COSTA, 1956)

No item específico sobre a Praça dos Três Poderes, Lucio Costa não menciona especificamente a existência de um museu ali:

Destacam-se no conjunto os edifícios destinados aos poderes fundamentais que, sendo em número de três e autônomos, encontraram no triângulo equilátero, vinculado à arquitetura da mais remota antiguidade, forma elementar apropriada para contá-los. Criou-se então um terrapleno triangular, com arrimo de pedra à vista, sobrelevado na campina circunvizinha a que se tem acesso pela própria rampa da auto-estrada que conduz à residência e ao aeroporto (fig. 9). Em cada ângulo dessa praça — PRAÇA DOS TRÊS PODERES — localizou-se uma das casas, ficando as do Governo e do Supremo Tribunal na base e a do Congresso no vértice, com frente igualmente para uma ampla esplanada disposta num segundo terrapleno, de forma retangular e nível mais alto, de acordo com a topografia local, igualmente arrimado de pedras em todo o seu perímetro. A aplicação em termos atuais, dessa técnica oriental milenar dos terraplenos, garante a

¹ Em algumas fontes também pode ser chamado de: Marco Histórico e Museu da Fundação de Brasília.

coesão do conjunto e lhe confere uma ênfase monumental imprevista.
(COSTA, 1956)

Acreditamos que a inserção de um museu na Praça dos Três Poderes foi feita *a posteriori* assim como foram feitos inúmeros ajustes na proposta original após a vitória de Lucio Costa no referido concurso.

Enquanto estudante do Curso de Museologia, a indagação era: como pode uma cidade já ser inaugurada com um museu? Especialmente considerando o discurso oficial que sustentava que a construção da cidade havia sido feita a partir do nada. Bem, se aqui era o "nada", museu para quê?

As leituras propostas no curso de Museologia, especialmente o texto *O Censo, o Mapa, o Museu* de Anderson (2008) nos ajudaram a perceber que não era incomum a constituição de museus em momentos de rupturas políticas e até mesmo em momentos de construções de cidades. Em sua análise, Anderson nos indica que o novo só é novo se houver um passado a que se oponha (ANDERSON, 2008). Portanto, essa orientação nos ajudou a repensar nossa pergunta de pesquisa. Passou a fazer muito sentido um museu construído à Praça dos Três Poderes.

Buscamos identificar em que momento, no processo de construção da cidade, se decidiu construir um museu na Praça dos Três Poderes. Infelizmente, não conseguimos identificar documentos que pudessem nos esclarecer sobre este aspecto. Podemos levantar hipóteses: como a inauguração da cidade era premente, e não houve tempo para a construção do setor cultural na sequência dos ministérios, o museu teria espaço então na Praça dos Três Poderes? Também não conseguimos documentos que pudessem indicar essa possibilidade.

Decidimos, então, nos voltar para a Praça dos Três Poderes e a construção de um museu ali, naquele espaço de poder. Há que se destacar que no Relatório do Plano Piloto, a Praça dos Três Poderes está inserida na escala monumental que é aquela que garante a capitalidade da nação. Passamos a nos perguntar então sobre as relações entre aquele museu naquela praça com aquela arquitetura no contexto da transferência da capitalidade da nação.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é compreender essa relação triangular, tal qual a própria praça, no contexto da transferência do Distrito Federal (acapitalidade da nação) para o interior do país, reiteradamente imaginado como *sertão*. Afinal, não há modernidade no Brasil sem sertão (BURITY, 2002).

Para tal, buscaremos apresentar o Museu Histórico de Brasília, a partir de documentos que tivemos acesso nesses meses de pesquisa. Não conseguimos identificar nas bases de dissertações e teses, pesquisas relacionadas a esse museu.

Na sequência, buscamos identificar as relações de Juscelino Kubitschek com os arquitetos modernos desde a sua experiência como prefeito de Belo Horizonte para, ao final, buscar uma interpretação possível para o museu naquela praça, com aquela arquitetura.

Em termos metodológicos, nos utilizamos de revisão de literatura e análise de documentos que tivemos acesso. No processo de revisão de literatura nos foi fundamental o artigo publicado recentemente do Prof. Dr. Clovis Brito que nos elucidou acerca da imaginação museal de Juscelino Kubitschek (2022).

Capítulo 1. Um museu na praça

O Museu Histórico de Brasília (Museu da Cidade) situa-se na Praça dos Três Poderes. No contexto do dia da inauguração da cidade, era uma das únicas construções ali existentes, junto com o Palácio do Planalto. Foi construído com o intuito de "preservar os trabalhos referentes à nova capital, incluindo tudo que se refere à transferência do Governo para o centro do país" (NIEMEYER, 1959). E para isso, segundo Niemeyer, era preciso criar um local apropriado que seguisse as normas arquitetônicas de um verdadeiro monumento (NIEMEYER, 1959). Localizado na Praça dos Três Poderes, o Museu foi inaugurado no dia 21 de abril de 1960, mesmo dia da inauguração da cidade.

Fig 1: Museu da Cidade em 21 de abril de 1960



Fonte: Revista Manchete. Edição Histórica de 21/04/1960, p. 71.

A expectativa do arquiteto ao criar uma solução/partido para o referido museu monumento era de que a construção tivesse

um grande salão com 170m², contido em duas vigas de 25 metros de comprimento [...] apoiadas em duas colunas-parede de concreto armado, entre as quais se situa a escada de acesso [...]. No interior, onde uma abertura no teto garante a ventilação adequada à exposição serão apresentados painéis, fotos, desenhos, maquetes, manuscritos - abrangendo desde o concurso para o Plano Piloto, a construção de estradas, edifícios, aos problemas materiais e econômicos que vão surgindo durante a construção da Nova Capital (NIEMEYER, 1959, p. 72).

A categoria *museu monumento* pode se referir tanto a construções quanto a adaptações de prédios destinados a abrigar acervos museais. Esses edifícios, com

arquitetura geralmente arrojada, muitas vezes são criticados por "roubarem" a cena dos acervos. No caso do Museu Histórico de Brasília, sua forma arrojada, a escultura em pedra sabão e a frase impressa em uma de suas faces colabora juntoa sua discreta entrada, para que, muitas vezes as pessoas não associam aquele monumento à existência de um acervo em seu interior, ou seja, a um museu (SANDY, 2021).

Além disso, por ter sido construído coetaneamente à Praça dos Três Poderes, o prédio que abriga o Museu Histórico de Brasília dialoga facilmente com a arquitetura do entorno, compondo uma identidade naquele conjunto. Se é verdade que os museus são espaços de poder, como desenvolveremos mais adiante, não haveria melhor lugar para instalá-lo.

Desde a Revolução Francesa, os museus operavam nas sociedades como um mecanismo de promoção e legitimação das histórias, memórias, poder, ideologias e até mesmo o sentimento de pertencimento e de nacionalismo, através de suas coleções que são formadas muitas vezes por um processo de escolha política e cultural, cujo discurso se define de acordo com o grupo que esteja no poder. (LEAL, 2015, p. 69)

No processo de construção de Brasília podemos observar a valorização do modernismo brasileiro para criar uma identidade focada no nacionalismo dentro da política desenvolvimentista.

Em seu trabalho Museu, Memória e Poder, Andreoni (2011), identifica as ações destas instituições como forma de estratégia para comunicar histórias e memórias. Apesar de sua pesquisa ser voltada para este uso por gestores de empresas, esta situação pode ser adaptada para pensarmos a gestão pública quando esta se volta para a área cultural de um plano de governo.

Segundo Andreoni (2011), a construção destes espaços possibilita a oportunidade de se criar um passado sem mácula, manipulando memórias e legitimando histórias que farão parte da sociedade na qual a instituição está incluída.

Dessa forma, a história de uma organização passou a adquirir importância a partir de um discurso construído no contexto social, destacando essas instituições como agentes históricos, ou seja, também como construtores das estruturas que as envolvem. (ANDREONI,2011, p.175)

Em outro texto, Museu, Comunicação e Poder, Andreoni deixa ainda mais evidente essa relação de poder dos museus em uma sociedade. Baseado nas

publicações de Mário Chagas e Pierre Bourdieu, os discursos dos museus se relacionam entre memória/esquecimento e poder, sendo assim utilizados como instrumentos para a construção de identidades e legitimador da memória. (ANDREONI, 2011, p.6)

É através da seleção de determinados elementos que se constitui o discurso museológico, objetivando estimular sentimentos que permanecem na memória, direta ou indiretamente registrados.” (ANDREONI, 2011, p.171)

Mario Chagas (2009) analisa a relação de memória e poder dentro das instituições culturais e da disseminação de conhecimento, conhecimento este que vai ser aplicado e transmitido pela/para a sociedade, mas que será escolhido por interesses políticos de indivíduos ou determinados grupos. No caso do Museu Histórico de Brasília, a memória foi escolhida para passar aquilo que era de interesse para o plano de governo JK, e utilizado como legitimador para a história da nova capital.

Para estes indivíduos é que a instituição de memória funciona como dispositivo de poder disciplinar, indicando o que se pode saber, o que se pode lembrar e esquecer, o que se pode e como se pode dizer e fazer.” (CHAGAS,2009, p. 58-59)

Para Chagas, o caráter seletivo de memória para essas instituições já são o suficiente para indicar sua politização sobre o conhecimento, afetando até mesmo o local onde estas instituições estão inseridas, em seu discurso Chagas fala sobre os museus construídos em antigos prédios que foram sedes de poder:

Não é fruto do acaso o fato de muitos museus estarem fisicamente localizados em edifícios que um dia tiveram uma serventia diretamente ligada a estâncias que se identificam e se nomeiam como sedes de poder ou residência de indivíduos “poderosos”. (CHAGAS,2009, p. 64)

E mesmo que o Museu Histórico de Brasília tenha tido seu prédio construído especialmente para ser um museu, sua localização na Praça dos Três Poderes junto a prédios que representam o poder máximo da República como o Palácio do Planalto, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal não é um acaso, muito menos o fato de ter sido escolhido como local para uma das solenidades de inauguração da nova capital.

O próprio acervo exposto do Museu Histórico de Brasília demonstra o poder que se queria transmitir ao construir esta instituição, pois este é apresentado de

maneira que remete aos grandes monumentos milenares, enquanto registra a grande saga que foi a construção da Nova Capital (SOARES, E. A, 2017).

Criado para salvaguardar a memória da transferência de Brasília, seu acervo não contempla outras narrativas que não aquelas relacionadas ao protagonismo do Governo JK no processo de transferência da capital. As narrativas relativas ao protagonismo dos trabalhadores da construção civil, responsáveis pela construção efetiva da cidade se encontram em museu próprio, fora do centro da cidade, e do centro de poder: trata-se do Museu Vivo da Memória Candanga, alocado em um prédio que abrigou o primeiro hospital do DF e teve que ser adaptado em 1985 para receber estas memórias. Se avaliarmos, não é muito diferente do que aconteceu com os próprios trabalhadores, tendo eles sido realocados para as áreas no entorno de Brasília.

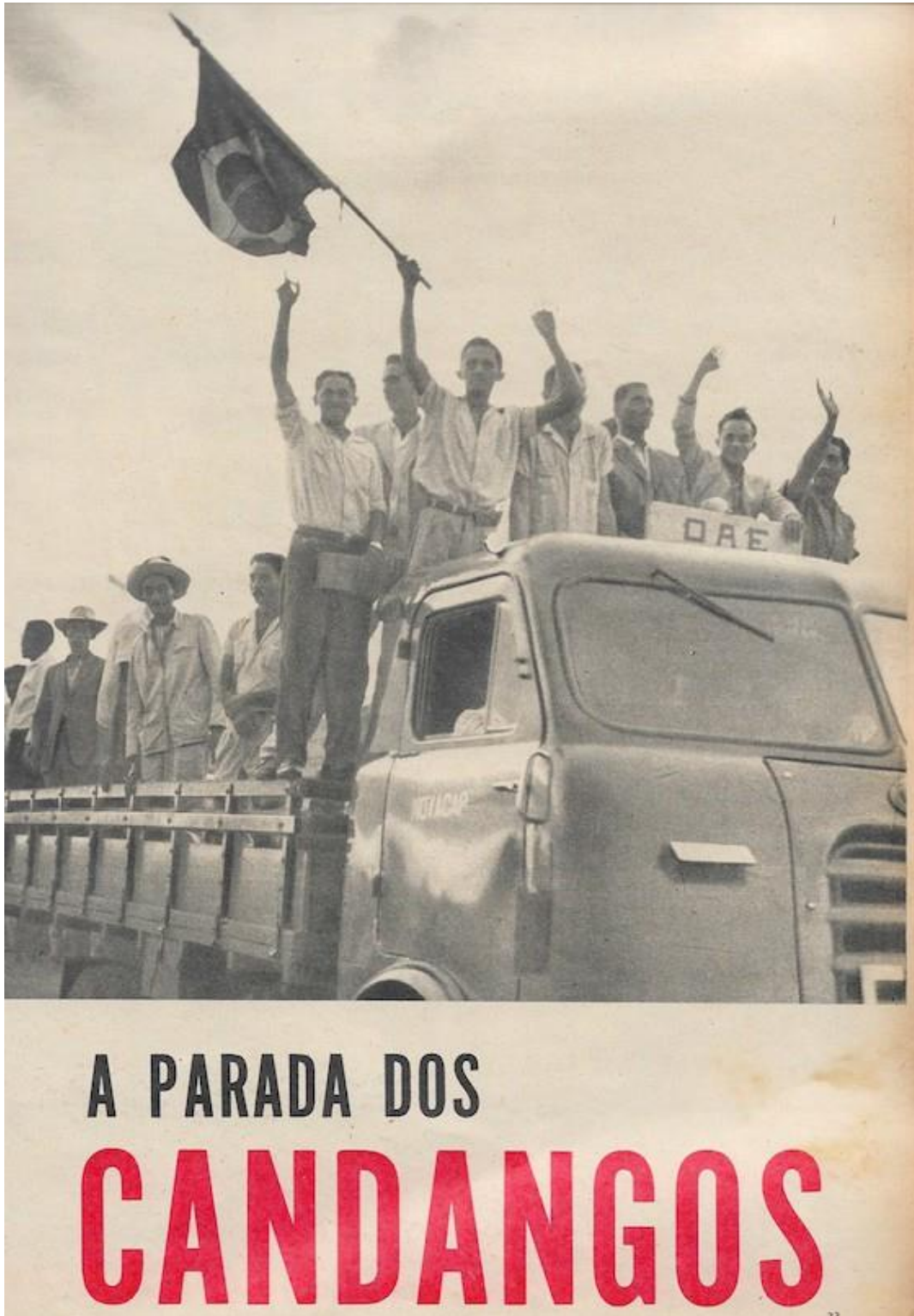
Entretanto, a despeito dos candangos não terem tido desde a inauguração da cidade um museu que expusesse o seu protagonismo no processo de transferência da capital, houve dois momentos em que, no contexto do dia da inauguração, os candangos são destacados. Primeiro, na frase que se encontra ao lado da cabeça de JK na face leste do Museu Histórico da cidade:

Ao presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, que desbravou o sertão e ergueu Brasília com audácia, energia e confiança, a homenagem dos pioneiros que o ajudaram na grande aventura.

Em um segundo momento, a Revista Manchete, em sua edição histórica do dia 21 de abril de 1960, em reportagem fotográfica intitulada A Parada dos Candangos, assinala

Um dos momentos de maior vibração foi a passagem dos candangos. Os heróis valentes e anônimos da construção de Brasília desfilaram sobre 200 caminhões, jipes, tratores e máquinas de terraplanagem. Tendo à frente Israel Pinheiro e empunhando suas ferramentas como autênticas armas, receberam uma consagrada ovação da multidão de 150 mil pessoas. Seu curioso apelido entrou na história da transferência da Capital. (MANCHETE, 1960, p. 22)

Fig 2 : A Parada dos Candangos

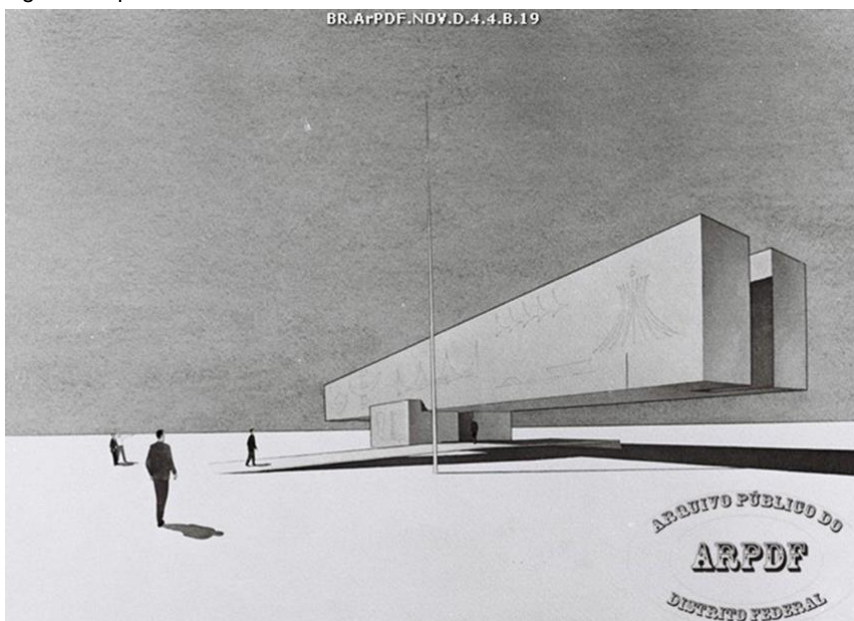


Fonte: Revista Manchete. Edição Histórica de 21/04/1960, p. 23

Se formos observar o Museu Histórico de Brasília, ele foi criado para ser um monumento em si, preservando um breve e determinado momento, que foi a mudança da capital.

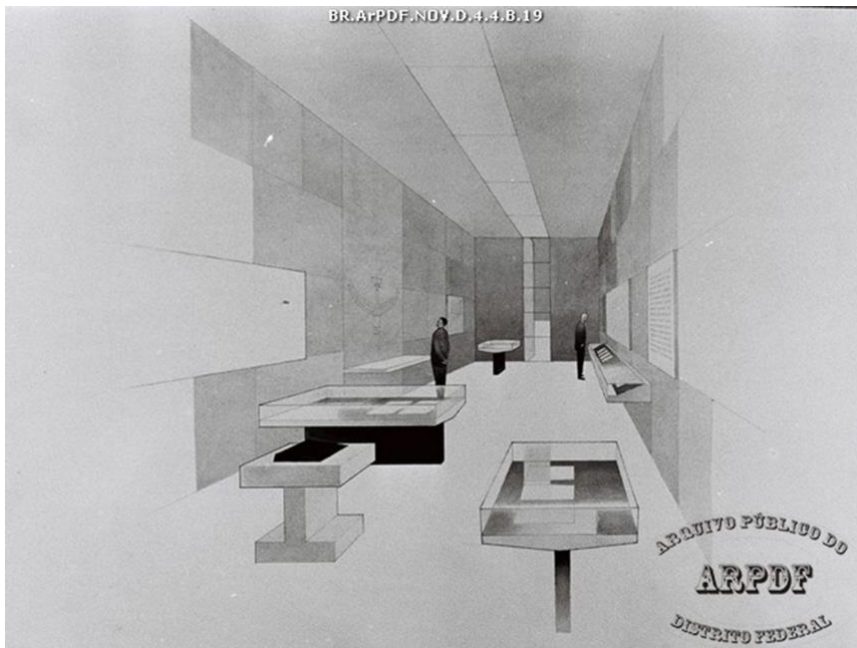
Historicamente, o museu é responsável pela produção do conhecimento e a convergência dos saberes científicos. Não basta guardar o objeto. Sem uma pesquisa permanente, a instituição fica subestimada a um centro de lazer e turismo. Cabe aos pesquisadores inserir os objetos, reclusos em suas reservas técnicas, como fontes históricas. (CARLAN, 2008, s/p)

Fig.3: Perspectiva Externa.



Fonte: ArPDF, 1958.

Fig. 4: Perspectiva Interna.



Fonte: ArPDF.

Fig. 5: Photo René Burri - 1960



Fonte: instagram: @oscar niemeyerworks

Capítulo 2

O Modernismo Brasileiro na Arquitetura

O conceito de modernidade pode ser entendido como um processo iniciado no século 17, onde se associa ao tema da racionalidade.

A partir do século 18 e 19, a revolução industrial junto com os pensamentos sociais que surgiam nesse período, projetaram ainda mais o conceito de modernidade. No século 20 o projeto de modernidade se tornou mais bem trabalhado e abrangendo outros campos de reflexão como a cultura e o desenvolvimento do pensamento humano. (BAHIA, 2004)

Não se entendeu a Modernidade como ação globalizante, mas uma ação caracterizada fundamentalmente nas suas considerações a partir das diversas formas de assimilação e reconhecimento das diferenças entre as várias culturas e as ressonâncias deste processo na trajetória da vida humana. (BAHIA, 2004, p.120)

Há diversas noções de moderno, modernismo e modernidade, dependendo do espaço e tempo considerado. O conceito de modernismo no interior da atuação política de Juscelino Kubitschek acabou tomando novos significados, se associando à discussão de uma identidade nacional própria, bem como um modo de vida e o desenvolvimento da sociedade. Iniciando assim uma nova era para a moderna civilização brasileira, o caracterizando como um homem perfeitamente sincronizado com seu tempo e espaço.

No Brasil houve uma junção de cultura e modernização social; através da dimensão social da cultura se construía uma identidade nacional; no Brasil essa construção pode ser datada a partir dos anos 30.

Caracterizado pela industrialização e o consumismo, a aproximação de JK com o tema do Modernismo se iniciou em Belo Horizonte durante seu mandato como prefeito e depois como governador de Minas Gerais, se expandindo futuramente para o restante do Brasil quando foi eleito presidente, se concretizando com a construção da nova capital Brasília. Esse período começou a partir das décadas de 40 a 60 (BAHIA, 2004).

Em Belo Horizonte, o Modernismo se concretizou como movimento social, através da arte, da arquitetura e da política. Na arquitetura o modernismo se compreende através das novas práticas, novos hábitos e a interação do homem com

o seu meio, com a arquitetura sendo inseparável da sociedade e da vida civil. (BAHIA, 2004)

Através do complexo arquitetônico da Pampulha, um espaço arquitetônico projetado por Oscar Niemeyer a convite de Juscelino Kubitschek em Belo Horizonte nos primeiros anos da década de 40, e configurado para classes sociais distintas, essa democratização da comunidade era um dos aspectos fundamentais da utopia modernista da época. A mudança nas construções particulares, tanto nas áreas nobres quanto nos bairros populares da capital, causou grande impacto na vida dos belo-horizontinos, que tiveram seus hábitos e gostos influenciados pelo novo centro de lazer da cidade. (BAHIA, 2004)

O projeto do complexo surgiu em 1941, quando a represa da Pampulha foi transformada em área de lazer para a população belorizontina e utilizada pela administração JK para promover a capital como uma capital moderna e atrativo turístico. Esse projeto se completou com a construção do complexo arquitetônico da Pampulha, com a participação de diversos artistas modernistas como Oscar Niemeyer, Cândido Portinari, Burle Marx, Alfredo Ceschiatti, entre outros. Se tornando a concretização do governo JK, com sua construção sendo utilizada para projetar Juscelino nacionalmente como um político adepto aos ideais modernistas. (BORSAGLI, 2016, s/p)

Fig 6: Complexo da Pampulha - Oscar Niemeyer



Fonte: <https://anabaronceli.com.br/complexo-da-pampulha-arquitetura-ilustrada-e-comentada/>

Fig 7: Maquete - construções na Lagoa da Pampulha



Fonte: <https://anabaronceli.com.br/complexo-da-pampulha-arquitetura-ilustrada-e-comentada/>

A arquitetura modernista reestrutura o espaço urbano, de forma onde não só a questão estética não esteve só na qualidade artística dos edifícios, mas também identificando seu aspecto funcional entre as áreas livres e construídas, configurando e organizando a área urbana.

Durante o século 20, a arquitetura modernista tinha conteúdo político, assumindo um caráter progressista e desenvolvimentista, que conduzia a uma transformação da sociedade e do Estado, trazendo dentro da sua utopia modernista a criação de uma sociedade funcional.(BAHIA, 2004)

Alguns dos parâmetros que inspiraram o movimento modernista, inclusive dentro da política de Juscelino foram:

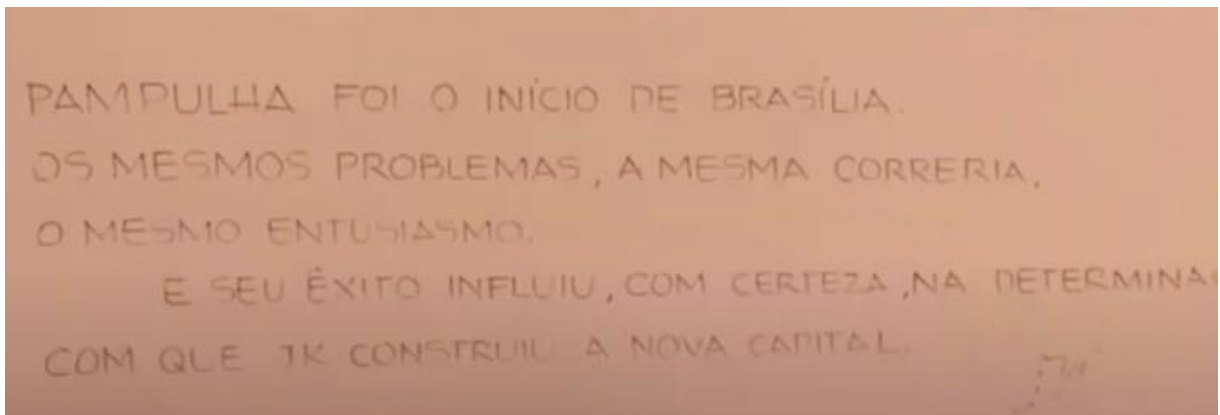
- Mobilidade: tudo está em movimento e constante mutação. As mudanças especializam-se nos mais diversos aspectos da vida – na técnica, os avanços no princípio mostravam-se por décadas, depois por anos e finalmente diários; no aspectos social, moral e ideológico, os indivíduos deslocam-se quando referenciam-se num momento anterior e mantêm-se móveis dentro dele. Mudanças nem sempre definitivas, por serem mudanças;
- Esteticismo: a arte está em tudo. Arte e indústria. Arte e máquina. Arte e técnica. Conflituosas conciliações;

- Representação sobre o real: uma decorrência do esteticismo. A predominância de estender e tomar a representação sobre e pelo real. Esteticismo e idolatria da representação são verso e verso da mesma moeda.(BAHIA, 2004, p.125)

Brasília pode ser interpretada como concretização do modernismo no Brasil, desde sua concepção houve uma predileção ao modernismo, isso pode ser observado nas ações que ocorreram até mesmo antes da criação do Concurso Nacional do Plano Piloto, quando JK cria a Novacap e convida Oscar Niemeyer para o cargo de Diretor do Departamento de Arquitetura da Companhia Urbanizadora, e lhe atribui a função de projetar a cidade. Niemeyer propõe a criação do Concurso Nacional e se compromete a projetar todos os principais edifícios administrativos da cidade. A criação do edital ficou sob responsabilidade da Novacap.

Em visita à Pampulha no ano de 2003, Oscar Niemeyer deixa registrado:

Fig 8: Painel desenhado por Oscar Niemeyer na Casa do Baile em 2003.



Fonte: <https://anabaronceli.com.br/complexo-da-pampulha-arquitetura-ilustrada-e-comentada/>

Em 1956, o Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) enviou ao presidente um manifesto referente a criação do Concurso, que definiu entre outras coisas a base da comissão julgadora, que consistia em: 1 representante da Presidência da República; 1 da classe dos engenheiros; 2 do IAB; e 3 urbanistas estrangeiros (todos indicados pelo presidente da república). Foi feita uma lista com possíveis nomes de representantes estrangeiros, que incluía: Walter Gropius, R. Neutra, Percy J. Marshall, Max Lock, Alvar Aalto, Clarence Stein, Le Corbusier e Mario Pani. (TAVARES, 2007)

Destes 7 nomes, 4 eram ligados ao movimento modernista, o que indicava forte tendência a que a seleção dos projetos estivesse ligada aos preceitos modernos.

A escolha do júri foi, evidentemente, baseada nos critérios modernistas de cidade, abordando em cada plano suas características estritamente racionais, monofuncionais, de zoneamento e circulação. Para o júri, importava a arquitetura da cidade, e em poucos momentos foram tratadas as questões realmente urbanísticas, seus instrumentos e resultados. (TAVARES, 2007, s/p)

Os finalistas do Concurso foram:

- 1º lugar – Lucio Costa;
- 2º lugar – Arquitetos Associados – Boruch Milmann, João Henrique Rocha e Ney Fontes Gonçalves;
- 3º e 4º lugares – MM Roberto / Rino Levi, Roberto Cerqueira Cesar, Luis Roberto Carvalho Franco;
- 5º lugar – Carlos Cascaldi, João Vilanova Artigas, Mário Wagner Vieira da Cunha, Paulo de Camargo e Almeida / Henrique E. Mindlin e Giancarlo Palanti / Construtécnica S/A – Milton C. Ghiraldini.

Governo JK e a construção de Brasília

Juscelino Kubitschek foi eleito presidente em 1955, com um plano de governo que ficou conhecido como *50 anos em 5*.

O último dos pontos desse plano era a mudança da capital do Brasil para o interior. Com a lei nº 2.874 se iniciou o processo de construção da nova capital. Para que a obra fosse realizada, o governo criou a Companhia Urbanizadora Nova Capital, conhecida como Novacap. A direção da companhia foi entregue ao engenheiro e deputado Israel Pinheiro do Partido Social Democrático (PSD).

Foi proposto um concurso para se escolher o projeto urbanístico da nova capital, seu ganhador foi o arquiteto Lucio Costa. Um dos arquitetos que compôs a equipe de construção foi Oscar Niemeyer, que passou a ser diretor do Departamento de Arquitetura da Novacap e projetista dos principais prédios da capital, incluindo o Museu Histórico de Brasília. (SILVA, 2002)

Antes de ser presidente, JK assumiu outros cargos de gestão. Como prefeito de Belo Horizonte, demonstrou seu olhar modernista, remontando a exposição da Semana de Arte Moderna de 1922 em 1944 (LUTTERBACH, 2006).

Sua ligação com o mundo da arte fez com que Juscelino Kubitschek se utilizasse dessa área para contribuir não só com a diplomacia internacional por meio da cultura, como com o desenvolvimento modernista interno através da arquitetura e da música (AGUADO, 2004, p. 2).

A arte expressou-se por meio da corrente Modernista, através de sua música, pintura, literatura, fotografia e, principalmente, por meio da arquitetura, com a construção de Brasília, que teve o intuito, além de demonstrar beleza estética, apresentar para o mundo o desenvolvimento brasileiro. (KORNIS, s.d.; OLIVE, 2001, apud AGUADO, 2018, p. 23).

Isso apenas foi possível através da disseminação da cultura e da arte moderna, caracterizada por sua expressividade e incorporada pelo país através de sua pintura, música e, principalmente, arquitetura, bem definida pela sua contemporaneidade e assimetrias, evidenciando que a arte é uma forma de manifestação e esta, um reflexo social, portanto, a cultura e a arte afiguravam a situação social e política brasileira da época. (NOVAIS, 2016, APUD VENÂNCIO, 2018, p. 17).

Ainda nos anos 30 a arquitetura já havia se tornado importante para a imagem de modernidade que se queria passar (LISTHER, 2004, p.126). Antes de Brasília, alguns prédios modernistas já vinham sendo construídos, influenciados pela escola de Bauhaus, como o edifício-sede do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro.

Brasília foi planejada na segunda metade da década de 1950 e inaugurada em 1960, idealizada para reafirmar o espírito modernista da época, a concretização do plano desenvolvimentista para o país, demonstrando o avanço social e o progresso interno e regional do Brasil (AGUADO, 2004, p. 20).

Ícone da arquitetura moderna, Brasília foi reconhecida internacionalmente, assim como seus idealizadores, sendo inscrita na Lista do Patrimônio Mundial pela Unesco em 1987 como patrimônio da humanidade (OLIVEIRA, 2017).

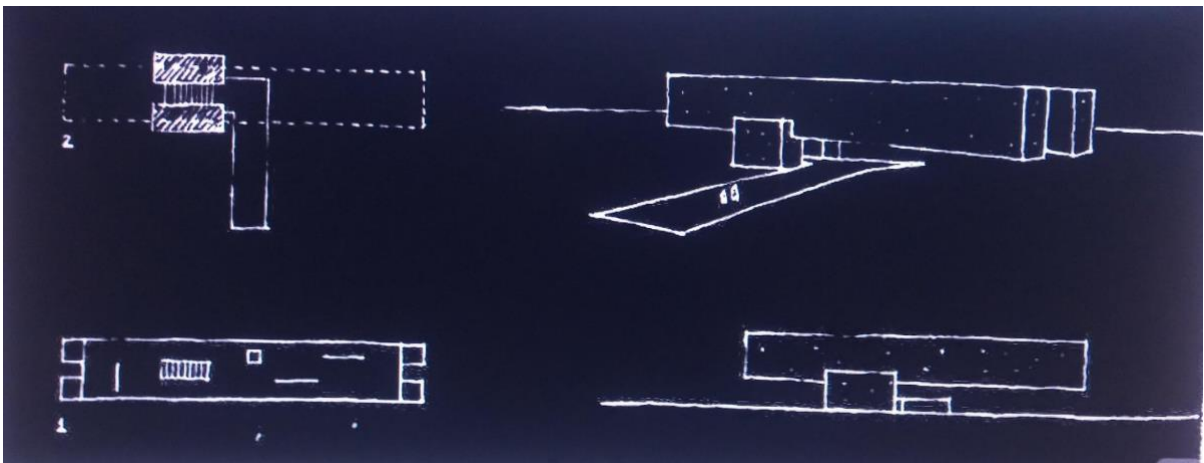
Com toda a idealização e comoção em torno do desenvolvimento de Brasília, não é de se estranhar a criação de um Museu-monumento, que preservasse a história da construção da nova capital e a expusesse de maneira que remete a diversos monumentos milenares, como as gravações nas antigas pirâmides e obeliscos (SOARES, E. A, 2017), mas dentro das formas modernistas desenhadas por Oscar Niemeyer.

Apesar das presentes curvas em sua arquitetura, pode-se ver a influência das linhas retas de Le Corbusier em algumas das criações de Niemeyer. Le Corbusier

formulou 5 pontos que se tornaram os fundamentos da arquitetura moderna: pilotis, planta livre, fachada livre, janelas em fita e terraço jardim, estes pontos foram muito explorados na arquitetura modernista e estão presentes ainda hoje na arquitetura contemporânea. (MOREIRA, 2020)

Dentro da construção do Museu Histórico de Brasília, podemos ver essa influência no uso das linhas retas, planta livre e fachada livre. Há que se considerar igualmente toda uma reestruturação do campo da arte nas primeiras décadas do século 20 que incidiu sobre o campo dos museus. A arquitetura moderna, por meio de seus arquitetos dialogou com as mudanças que as vanguardas artísticas do século 20 propunham: se a arte desafiava, a arquitetura dos museus seria um caminho de questionamentos e um campo de possibilidades novo para se pensar o espaço, a espacialidade e a própria arquitetura dos museus. A partir de um dos fundamentos da arquitetura moderna, a planta livre, os museus adquiriram maior flexibilidade, implicando, inclusive, em novas concepções expográficas (AMARAL, 2014).

Fig.9: Maquete e croquis explicativos do Museu da Cidade de Brasília por Oscar Niemeyer.



Fonte: Niemeyer (1959).

O Museu Histórico de Brasília

O Museu Histórico de Brasília também conhecido como Museu da Cidade foi projetado por Oscar Niemeyer como um museu-monumento, seu projeto data de 1958, as obras tiveram início em agosto de 1959, a construção ficou sob responsabilidade da construtora Rabello S.A. (SOARES, E. A, 2017)

O Museu está, atualmente, sob responsabilidade da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do DF (Secec).

Segundo o Centro Cultural Três Poderes, o museu tem por finalidade preservar para a posteridade os trabalhos que se referem à história da construção de Brasília, sendo o museu mais antigo da cidade (Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, Secec).

Destinava-se a guardar todos os documentos referentes à epopeia de Brasília. Tudo quanto se escrevera a favor ou contra a nova capital já ali estava depositado, aguardando o julgamento frio da História. (KUBITSCHKEK, 2000, p. 388, apud SOARES, 2017).

Segundo Niemeyer, era preciso criar um local apropriado que seguisse as normas arquitetônicas de um verdadeiro monumento (NIEMEYER, 1959) e para isso a própria localização era importante, construído na praça dos Três Poderes, principal praça da cidade. Hoje, o Museu faz parte do Centro Cultural Três Poderes junto com o Espaço Lucio Costa e o Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves.²

De acordo com os dados da Agência Brasília, seu prédio é sustentado por um par de vigas que formam um bloco de concreto de 35 metros de comprimento e 5 de largura, apoiado em uma base que abriga a escada que dá acesso à exposição. O prédio é todo revestido de mármore branco de Cachoeiro do Itapemirim/ES. Na fachada leste da base do prédio há uma escultura grande do busto de JK feita em pedra-sabão por José Alves Pedrosa que pesa 1,5 toneladas. Ao seu lado encontram-se os dizeres:

Ao presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, que desbravou o sertão e ergueu Brasília com audácia, energia e confiança, a homenagem dos pioneiros que o ajudaram na grande aventura.

No alto da mesma fachada há os dizeres:

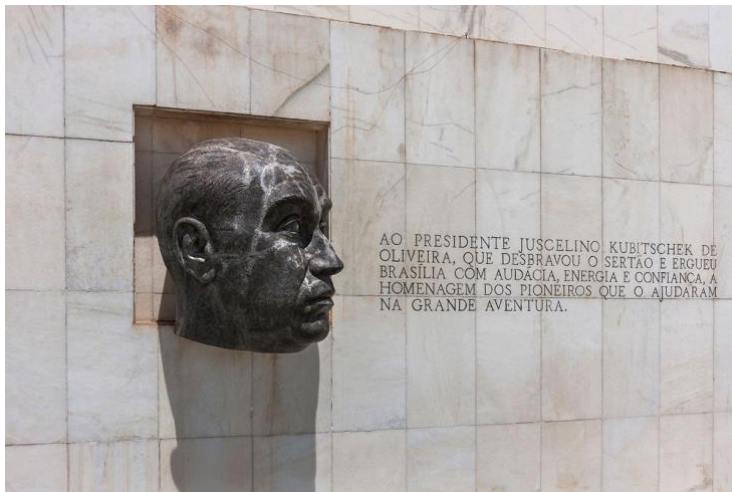
Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada, com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino / Brasília 2 de outubro de 1956 / Juscelino Kubitschek de Oliveira.

² Oscar Niemeyer projetou em torno de 18 Museus, sendo 1 na Venezuela e 21 Memoriais, sendo 1 no Senegal. (<http://www.niemeyer.org.br/obras>)

Na fachada oeste da base do prédio há uma cronologia com algumas datas significativas do processo de interiorização da capital entre 1789 e 1960. (ANTUNES, 2020)

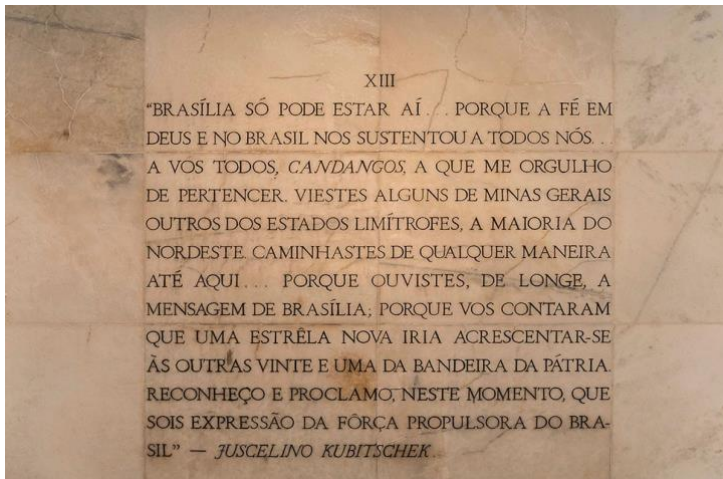
No interior do Museu, há 16 textos numerados, esculpidos no mármore, que fazem parte de seu acervo permanente. As narrativas ali expostas relatam diversos momentos do projeto de interiorização da capital, reunindo texto que vão desde Marquês de Pombal, José Bonifácio, dos Inconfidentes e dos próprios envolvidos com o projeto da capital como JK, Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Depois de uma reforma em 1986 os textos passaram a ser disponibilizados em *braille*. No local também há algumas pequenas vitrines que são utilizadas para a exposição temporária de objetos (ANTUNES, 2020)

Fig.10: Foto externa do Museu



Fonte: <http://museubrasil.org/pt/museu/museu-historico-de-brasilia-museu-da-cidade>

Fig 11: Frase inscrita na parede interna do Museu.



Fonte: <http://museubrasil.org/pt/museu/museu-historico-de-brasilia-museu-da-cidade>

Fig 12: Foto interna do Museu.



Fonte: <http://museubrasil.org/pt/museu/museu-historico-de-brasilia-museu-da-cidade>

Segundo o Iphan, o Museu Histórico de Brasília não possui um projeto, apenas desenhos que mostravam o que Oscar Niemeyer queria que fosse feito, a construção do Museu pode ser acompanhada através de desenhos, maquetes e fotografias esparsas em revistas da época, como a revista módulo em 1959, e na capa da revista Brasília nº17 de 1958. Apesar disso, podemos perceber pelas datas disponíveis que a criação do Museu estava prevista desde o princípio das obras de construção de Brasília, apesar de não termos encontrado documentos mais precisos. O Iphan ainda afirma que

[...] muitos projetos de edifícios construídos na época da inauguração de Brasília não existem mais, foram perdidos; muitos edifícios não foram construídos exatamente como projetados, visto o curto tempo em que foram edificadas; alguns edifícios, os menores, nem possuem projetos, mas apenas desenhos (como o Museu da Cidade) (IPHAN, 2009, p. 14, apud SOARES, E. A, 2017).

A inauguração do Museu da Cidade ocorreu em 21 de abril de 1960, sendo inaugurado junto com a nova capital, evento que aconteceu mesmo com as obras da cidade ainda em andamento.

Avaliamos que a inserção de uma parte das solenidades de inauguração da capital em um museu, o Museu da Cidade, é indicativo da relevância do monumento em si, mas também da compreensão que JK tinha do papel dessa instituição na forma como ele a imaginava como veremos mais adiante.

Outro elemento que requer mais pesquisas é a escolha do evento que ali foi desenvolvido. Após as solenidades oficiais de inauguração da cidade, os seus protagonistas se dirigiram ao Museu, chamado à época de "marco histórico". Ali, o poeta modernista Guilherme de Almeida, príncipe dos poetas, procedeu à leitura da Prece Natalícia de Brasília, da qual apresentamos um fragmento:

Prece Natalícia a Brasília

“Agora e aqui é a Encruzilhada Tempo-Espaço,
Caminho que vem do Passado e vai ao Futuro;
caminho do Norte, do Sul, do Leste e do Oeste;
caminho de ao longo dos séculos,
caminho de ao longo do mundo:
— agora e aqui todos se cruzam
pelo sinal da Santa Cruz.
Ave Cruz; santa cruz pelos caminhos,
através tanto tempo e tanto espaço;

...

Feita do fluxo e refluxo das forças que dão o poder,
centrípetas para tornar-se centrífugas,
BRASÍLIA, é a tua Cruz da Quarta Dimensão, e Tetragrama
do Milagre Novíssimo que és tu;
a que dirá “Presente!”, impávida, ao chamado
do fasto e do nefasto; a que é o Marco Zero
das vias todas, da mais ínvia à mais viável;
o ímã para a limalha de aço do trabalho;
a ponta do compasso autor da Equidistância;
BRASÍLIA, a tua Cruz que é Presépio também
e a cujos pés a ti, no teu Natal, rogamos:
— Barca de esperança,
Carta de marear.
Rosa-dos-ventos,
Portal do sertão,
Corda de arco,
Farpa de flecha,
Bateia de garimpo,
Diadema de esmeraldas,
Crisol de raças,
Ara de liberdade,
— Vive por nós!”

O Museu da Cidade foi tombado pelo Governo do Distrito Federal em 1982 e pelo Iphan em 2007.

Segundo a Agência Brasília, mais de 29 mil pessoas passaram pelo Museu no ano de 2019, sendo a média mensal de 2.450 e a média diária 80 visitantes. Uma empresa terceirizada é responsável pela limpeza e conservação do espaço. (ANTUNES, 2020)

Um projeto para a revitalização da Praça dos Três Poderes foi debatido pela Secretaria da Cultura e a Unesco em 2019, que incluía um tratamento no conjunto de espaços da praça: Museu Histórico de Brasília, Espaço Lucio Costa e Panteão da Pátria Tancredo Neves (Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, Secec, 2019).

Ainda são necessárias muitas pesquisas não só sobre a construção do museu, quanto suas motivações e até mesmo das intencionalidades do governo JK e do próprio presidente em relação a ele. Como é do conhecimento de todos, houve intensa oposição à transferência. No Jornal Última Hora de 28 de outubro de 1959, há uma nota acerca da viagem de JK aos Estados Unidos. A reportagem informa que JK teria organizado "uma coleção dos editoriais de imprensa atacando Brasília e que tem o propósito de colocá-los numa vitrina no Museu de Brasília quando para lá for transferida a sede do governo brasileiro." (ÚLTIMA HORA, 1959, p.4).

O Museu de Brasília mobiliza igualmente outras imaginações... Edgard Seabra partiu de bicicleta do Palácio do Catete em 05 de abril de 1960. Sua intenção era percorrer o trajeto até Brasília e ao chegar à cidade, doar a bicicleta a JK para que ele pudesse expô-la no Museu de Brasília (ÚLTIMA HORA, 1960, p. 11)

Capítulo 3

Modernidade e Futuro

Dentro das visões políticas de JK, podemos ver algumas semelhanças nos projetos de criação do Museu Histórico de Belo Horizonte e o Museu Histórico de Brasília, quando inseridos nos ideais modernistas de Juscelino, onde ambos são projetados para salvaguardar a história de uma nova capital, enquanto visão, nas palavras de Britto, uma memória do futuro (2022, p. 4)

Fig 13 e 14: Casa do Leitão, sede do atual Museu Histórico Abílio Barreto



Fonte: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/10/01/interna_gerais.243709/de-cidade-de-minas-e-bello-horizonte-a-bh-a-historia-da-capital-mineira.shtml

Diferente do Museu Histórico de Brasília, o Museu Histórico de Belo Horizonte situa-se em um edifício adaptado, um antigo casarão colonial, sede da fazenda do Leitão que fazia parte do Arraial do Curral Del Rei, local onde foi erigida Belo Horizonte no final do século XIX. Belo Horizonte, como Brasília, também foi uma cidade planejada.

Fig 15: Planta de Belo Horizonte - século XIX



Fonte: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/10/01/interna_gerais.243709/de-cidade-de-minas-e-bello-horizonte-a-bh-a-historia-da-capital-mineira.shtml

Com a mudança da capital toda a área do Arraial foi desapropriada, mas a Avenida onde o casarão está localizado não fazia parte do Plano Urbanístico da nova capital do estado de Minas Gerais, estando localizado em uma colônia agrícola. Graças a isso, o casarão foi um dos poucos fragmentos materiais sobreviventes do antigo Arraial do Curral Del Rei. Só em 1938, quando a casa e suas imediações foram doadas para o Estado e adquiridas pela prefeitura de Belo Horizonte, foi que o jornalista Abílio Barreto que já pensava em um Museu Histórico, conseguiu tomar providências para a criação deste. Mas só em 1940, durante o mandato de Juscelino Kubitschek que já era adepto aos ideais modernistas, foi que Abílio Barreto conseguiu tirar o Museu do papel. (HISTÓRICO, 2020)

Desse modo, é importante sinalizar a criação do Museu Histórico de Belo Horizonte como um projeto pessoal de Juscelino, integrando-o ao seu projeto de reinvenção da capital mineira. (BRITTO, 2022, p.20)

Havia naqueles anos uma reflexão de Juscelino Kubitschek sobre o papel das instituições museais, configurando uma imaginação museal³ muito própria, talvez até mesmo vanguardista. O Museu deveria mostrar os laços entre passado e presente de Belo Horizonte, com uma narrativa que celebrava o passado ao mesmo tempo em que se inseria a história recente da cidade e deixava espaço para projetos futuros, uma "presença do futuro" (BRITTO, 2022, p. 4).

Esse misto de temporalidades, ou de narrativas acionadas por esse processo, consiste em uma das marcas da imaginação museal de Juscelino Kubitschek ao longo de toda sua trajetória. (BRITTO, 2022, p.14)

Este tipo de visão sobre os museus é apresentado no trabalho de Ingridde Engel (2020). A autora mapeia as imagens do futuro nos museus e como esta instituição opera distintas temporalidades.

Pensados tradicionalmente como lugares do passado, Engel analisa a trajetória de museus que assumiram novas configurações de temporalidade em suas ações e narrativas.

De fato, pelo menos desde a Modernidade, o museu parece ter se configurado como um dispositivo temporal que não apenas reflete certo modo de organizar e validar o passado; não somente encarna alguma maneira de projetar e planejar o futuro, mas é igualmente capaz de criar e intensificar uma certa experiência de futuridade. (ENGEL, 2020, p. 186)

³ Termo formulado por Mário Chagas, refere-se a tudo aquilo que guarde "relação explícita com o campo museal" expresso em ações e ideias que refletem uma "perspectiva museológica", efetuando uma "narrativa poética das coisas".

A partir desta experiência de futuridade, os museus passam a ter um novo papel pedagógico, onde seus acervos não estão ali apenas preservando uma memória, mas também para produzir e projetar futuros. Dentro de alguns museus modernos, o futuro aparece difuso, algo mais imaginado, um sonho ou uma utopia. (ENGEL, 2020)

Nesta perspectiva, podemos associar a imaginação museal de Juscelino Kubitschek com o conceito de museu e futuridade analisado por Engel, principalmente quando ligadas aos museus criados em seus governos, como o Museu Histórico de Brasília onde podemos observar a utilização dessa imaginação futurista, ao elaborar uma narrativa que ao mesmo tempo em que preserva o passado, trazia dentro da sua arquitetura e de seu discurso a esperança de um futuro utópico.

Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada, com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino / Brasília 2 de outubro de 1956 / Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Arquitetura e Monumento

Durante o final do século XIX e início do século XX, algumas cidades nos países da América Latina, foram construídas ou reestruturadas⁴ seguindo o modelo modernista que havia se iniciado na Europa. Brasília como uma dessas cidades, seguiu a direção dos traços modernistas pela mão de Oscar Niemeyer (FONSECA, 2019).

A arquitetura moderna construía diálogos com a imagem que o Brasil queria passar tanto interna quanto externamente, o de um país desenvolvimentista, novo e em crescimento. Antes mesmo da construção de Brasília, diversos prédios⁵ foram construídos seguindo a arquitetura modernista. No entanto, o projeto de Brasília foi a aplicação mais abrangente das regras modernistas na história (LING, 2020).

Brasília foi construída para ser mais do que o simples símbolo dessa nova era. Seu projeto e sua construção tinham a intenção de criar essa nova era transformando a sociedade brasileira. Este estudo analisa as duas premissas paralelas dessa inversão no desenvolvimento – uma inversão

⁴ La Plata (Argentina), Pedregal de San Angel (1945) México, Punta Ballena (1945-1948) Uruguai, Puerto Guayana (Venezuela), são algumas das cidades planejadas no final do séc. XIX e início do século XX, seguindo algumas características modernistas.

⁵ Palácio Gustavo Capanema (1937-45), Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes (1946-52), Instituto Moreira Salles (1948-51), Conjunto do Parque do Ibirapuera (1951-54), Ministério da Educação e Saúde (1936-45).

pela qual a forma e a organização urbanas são consideradas como instrumentos de mudança social. A primeira premissa é a de que o plano para uma nova cidade pode criar uma ordem social segundo a sua imagem; ou seja, uma ordem baseada nos valores que inspiram o projeto. A segunda premissa projeta a primeira como um plano de mudança no contexto do desenvolvimento nacional. Propõe que a nova cidade venha a ser um modelo de práticas sociais radicalmente diferente. Sustenta que, se esse modelo pode servir como exemplo de progresso para o restante da nação, seria então possível não apenas generalizar suas inovações, mas também impelir o país como um todo em direção ao futuro planejado que ele corporifica. [...] (HOLSTON, 1993, p. 12)

A construção de Brasília pode ser considerada uma obra faraônica, não só pelo dinheiro investido e as dívidas que se seguiram, mas também pelo padrão arquitetônico que pode ser visto pelos monumentais prédios construídos (LING, 2020).

O Museu Histórico de Brasília, seguindo os ideais de Niemeyer, tem seus traços modernistas transformados em um grande monumento na principal praça da cidade, e assim como outros monumentos, carrega complexos significados.

Os monumentos não são apenas objetos estéticos. São intencionalmente dotados de sentido político, capazes de “condensar complexos significados” (ROWNTREE; CONLEY, 1980, p. 460, apud CORRÊA, 2005)

Um Museu-monumento como o Museu Histórico de Brasília tem como visibilidade não só seu acervo, mas o próprio prédio, passando a integrar o espaço urbano e se adequando a seu entorno, se tornando, muitas vezes, a verdadeira obra artística (SANDY, 2021), podemos ver isso mais fortemente neste Museu, pois diferente de outros museus, seu acervo está gravado em suas paredes fazendo parte da própria edificação.

É interessante observar que a opção pelo modo de apresentação de seu acervo museológico siga o modo mais antigo de escrita: a cuneiforme. Esses textos esculpidos em suas paredes, como nos monumentos e obeliscos milenares, registram a grande saga que foi a construção de Brasília na praça que é ponto de encontro e de manifestações da metrópole e também local de maior simbolismo político do país. (SOARES, E. A, 2017, s/p)

É importante observar que não conseguimos identificar em que momento estas frases foram esculpidas no mármore. Não temos informações se elas estavam ali desde o início.

Sobre a questão do museu monumento, como se define um monumento? Segundo Arthur Gomes (2017), existem algumas regras a serem seguidas:

1 - Independentemente de qualquer outra coisa o monumento deve ser grande, a estrutura em questão deve ser grande em termos simbólicos, execução técnica ou capacidade de chamar atenção.

2 - É de extrema importância que ele seja excepcional. De extremo rigor técnico e criatividade nunca antes vista.

3 - Abuse da poética. Abuse da poética de uma forma a tornar inteligível o significado daquela construção.

4 - Use, de preferência, concreto e metal. Vidro quando for possível. Desenvolva também soluções arquitetônicas inovadoras e mantenha suas inspirações próximas ao moderno e contemporâneo.

5 - Crie um espaço, melhor que seja um lugar, cheio de aura, para que a construção se torne intocável.

Um monumento deve ser idealizado com valor de memória. “É onde a memória está viva. Deve estar sobre a terra e necessita de pessoas vivas que lembram e outorgam sua existência e a justifiquem” (BARBOSA, 2017, s/p apud BARBOSA A.G, 2017)

Como Museu-Monumento, o Museu Histórico de Brasília se relaciona bem com a sua funcionalidade de rememorar a saga que foi a mudança de capital, ao mesmo tempo em que se torna uma obra de arte em si, dialogando com seu espaço e acervo de forma fluida.

Infelizmente no caso do Museu da Cidade esta monumentalização pode trazer alguns contratemplos, pois segundo a Prof^a Ana Drumond embora único e importante para a história de Brasília, algumas pessoas que passam pela praça podem confundilo como um monumento e nem sequer entrar no Museu.

Fig. 16: Fachada do Museu da Cidade.



Fonte:

https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-q303322-d2349398-i134804542-Museu_da_Cidade-Brasilia_Federal_District.html

Fig. 17: Museu Histórico de Brasília



Fonte:

https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Museu-da-Cidade-ou-Museu-Historico-de-Brasilia-foto-de-Junior-Aragao_fig1_354366193

Conclusão

O objetivo geral deste trabalho foi analisar a criação do Museu Histórico de Brasília e identificar em que medida a política do governo JK, junto com o modernismo e a arquitetura concretizaram o Museu como monumento de poder.

Como desenvolvido no texto, faz muito sentido se construir um Museu dentro de uma nova capital, localizado em um espaço de grande importância política. Não é por acaso, a junção de política, arquitetura e modernismo dentro de um espaço sociocultural como o Museu.

Primeiramente os museus são instituições de memória e desde muito tempo seu espaço é utilizado para a disseminação de conhecimento, conhecimento este que segundo Mário Chagas (2009) vai ser aplicado e transmitido pela/para a sociedade, mas que será escolhido por interesses políticos de indivíduos ou determinados grupos.

A política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek conversou muito bem com o movimento modernista e implementar a arquitetura nesta relação, fez com que ele conseguisse atingir as mudanças que sua política propunha de forma quase que natural, pois a arquitetura modernista trabalha a interação do homem com o seu meio, fazendo com que esta seja inseparável da sociedade e da vida civil. Como podemos observar com os resultados do projeto do complexo arquitetônico da Pampulha.

E se Brasília pode ser interpretada como concretização do modernismo no Brasil, com suas grandes obras arquitetônicas. O Museu Histórico de Brasília é o Monumento que registra a transferência da capital, com narrativas que ressaltam o protagonismo do Governo JK.

Assim como diversos prédios construídos por Oscar Niemeyer, o Museu Histórico de Brasília foi projetado seguindo as normas arquitetônicas de um monumento e apesar de ser um projeto modernista, podemos observar que seu acervo é exposto de maneira que remete a diversos monumentos milenares, como as gravações nas antigas pirâmides e obeliscos (SOARES, E. A, 2017), monumentos que foram criados muitas vezes para refletir a grandeza de seu período.

Dentro deste Museu, podemos observar a imaginação museal de Juscelino, uma imaginação que pode até ser considerada vanguardista, e que se conecta bem com o projeto deste Museu, um museu que rememora a saga da construção de

Brasília, ao mesmo tempo em que se projeta para um futuro através da sua arquitetura moderna que faz dele uma obra em si.

Seguindo essa análise, podemos concluir que sim, essas três bases política, modernismo e arquitetura reforçam a concretização deste Museu como monumento de poder dentro do governo JK.

Mas, pensando na atualidade, assim como Brasília, o Museu não se adaptou bem aos novos tempos, não se pode negar que para a sua época foram um marco para a história, mas com o passar do tempo desenvolveram problemas que devem ser questionados, no caso de Brasília como descrito no artigo: Brasília: uma cidade que não faríamos de novo:

Hoje, irônica e infelizmente, grande parte do esforço do planejamento urbano pelo mundo é para desfazer erros cometidos no passado: urbanistasadvogam pelo uso misto ao invés do zoneamento de atividades, da fachada ativa ao invés dos pilotis livres, das fachadas contínuas ao invés dos recuos que isolam os edifícios nos terrenos. O carro não mais é o protagonista do sistema de transporte, como defendia Le Corbusier. (LING, 2020, s/p)

No caso do Museu Histórico de Brasília, sua arquitetura facilita para que ele seja confundido com um simples monumento e às vezes até mesmo passe despercebido, mas para além disso, os museus atualmente precisam dialogar com a sociedade de forma atrativa e para um museu-monumento no qual o acervo está intrincado em suas paredes e cujo o espaço não comporta tantos objetos, isso acaba se tornando uma dificuldade na hora de atrair o interesse da população.

REFERÊNCIAS

AGUADO, Thayná Venâncio. *Governo JK (1956-1961): o papel da esfera artística para a promoção internacional do Brasil*. 2018. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

AMARAL, Diana Izaias. *Novos Museus de Arte. Entre o espetáculo e a reflexão*. Brasília: Dissertação (PPGFAU), 2014.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDREONI, Renata. Museu, comunicação e poder. *Revista Intratextos*, v. 3, p. 1-15, 2011.

ANDREONI, R. Museu, memória e poder. *Em Questão*, v. 17, n. 2, p. 167-178, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/88071>>. Acesso em: 07 dez. 2019.

ANTUNES, Jéssica. Museu Histórico de Brasília: relicário da nova capital. *Agência Brasília*. 2020. Disponível em:

<https://agenciabrasilia.df.gov.br/2020/01/23/museu-historico-de-brasilia-relicario-da-nova-capital/>. Acesso em: 22. FEV. 2022

ARQUIVO Público do Distrito Federal. Governo do Distrito Federal. *Revista Brasília*. Disponível em: <http://www.arpdf.df.gov.br/revistabrasilia/>.. Acesso em: 22 de Fev. 2022.

BAHIA, C.L.M. JK: política, arte e arquitetura - uma experiência modernista. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo* (PUCMG), Belo Horizonte, v. 11, n.12, p. 119-137, 2004.

BARBIER LEAL, Daniel. *A Cidade e o Museu: a Origem, em 1904, do Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense*. 2015. 206f. Dissertação mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

BORSAGLI, Alessandro. O Complexo da Pampulha: um breve histórico do seu surgimento. 2016. Disponível em: <http://curraldelrei.blogspot.com/2016/07/o-complexo-da-pampulha-um-breve.html> Acesso em: 21 de Abril. 2022

BRITTO, C. C. (2022). Monumentalizando “ruínas precoces”: o Museu Histórico de Belo Horizonte e a imaginação museal de Juscelino Kubitschek. *Anais Do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 30, 1-47. <https://doi.org/10.1590/1982-02672021v30e4>

BURITY, Joanildo. *Cultura e Identidade. Perspectivas Interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CARLAN, C. U. 2009. Os museus e o patrimônio histórico: uma relação complexa. *História* (São Paulo) , v. 27, p. 12-140, 2009.

CHAGAS, Mário. MEMÓRIA E PODER: DOIS MOVIMENTOS. *Cadernos de Sociomuseologia*, [S.l.], v. 19, n. 19, june 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>>. Acesso em: 08 de. 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato. Scripta Nova. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*; Vol 9, No 181 - 204 (Año 2005)

COSTA, Lucio. *Relatório do Plano Piloto de Brasília*. 1956. Disponível em: <https://concursosdeprojeto.org/2010/04/21/plano-piloto-de-brasilia-lucio-costa/> Acesso em abril de 2022.

CULTURA e Unesco debatem revitalização da Praça dos Três Poderes. Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa. 2019. Disponível em: <https://www.cultura.df.gov.br/13040-2/>. Acesso em: 22. FEV. 2022

DIOGO. Darcianne, COTRIM. Thiago. Inaugurado com a capital, o Museu Histórico guarda a memória de Brasília. *Correio Braziliense*. 2019. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/04/18/interna_cidade_sdf,750225/inaugurado-com-a-capital-museu-historico-guarda-a-memoria-de-brasilia.shtml. Acesso em: 22. FEV. 2022

GDF e STF firmam acordo para revitalização da Praça dos Três Poderes. Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania. 2019. Disponível em: <https://www.sejus.df.gov.br/gdf-e-stf-firmam-acordo-para-revitalizacao-da-praca-dos-tres-poderes/>. Acesso em: 22. FEV. 2022

Guilmar Linhares Sanz, C., & Engel, I. (2020). Imagens do futuro nos museus: : das máquinas do porvir as moradas de sonhos coletivos. *Museologia & Interdisciplinaridade*. 9(17), 185–201. <https://doi.org/10.26512/museologia.v9i17.30540>

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA. *Museu histórico Abílio Barreto*. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-municipal-de-cultura/museus/mhab/historico> Acesso em: 22 de Abril. 2022

HOLSTON, James. *A Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. Tradução Marcelo Coelho.- São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

KALLAS, Luana Miranda Esper; GUILLEN-SALAS, Juan Carlos; SILVA, Neander Furtado. Registro documental com tecnologias digitais não convencionais na arquitetura: o estudo de caso do Museu da Cidade de Brasília /DF. *RCT - Revista de Ciência e Tecnologia*, [S.l.], julho de 2021. ISSN 2447-7028. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/rct/article/view/7015>>. Acesso em: 24 fev. 2022.

LING, Anthony. "Brasília: uma cidade que não faríamos de novo". 17 Set 2020. ArchDaily Brasil. Acessado 17 Mar 2022. <<https://www.archdaily.com.br/br/922404/brasilia-uma-cidade-que-nao-fariamos-de-novo>> ISSN 0719-8906

MOREIRA, Cibele. Obras de revitalização da Praça dos Três Poderes começam hoje. *Correio Braziliense*. 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/03/06/interna_cidade_sdf,832391/obras-de-revitalizacao-da-praca-dos-tres-poderes-comecam-hoje.shtml. Acesso em: 22. FEV. 2022

MOREIRA, Susanna. "Os 5 pontos da arquitetura moderna e suas aplicações em projetos contemporâneos" 23 Set 2020. *ArchDaily Brasil*. Acesso em: 31 Mar 2022. <<https://www.archdaily.com.br/br/947780/os-5-pontos-da-arquitetura-moderna-e-suas-aplicacoes-em-projetos-contemporaneos>> ISSN 0719-8906

MUSEU Histórico de Brasília (Museu da Cidade). museu brasil. Disponível em: <http://museubrasil.org/pt/museu/museu-historico-de-brasilia-museu-da-cidade>. Acesso em: 22. FEV. 2022

NIEMEYER, Oscar. Museu de Brasília. *Módulo*, Rio de Janeiro, v.2, n.12, p.36, fev.1959.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. O governo de Juscelino Kubitschek. O Brasil de JK - A construção de Brasília. FGV CPDOC. 2017. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Arquitetura>. Acesso em: março de 2022.

OLIVEIRA, Nelson. *Brasília 60 anos*. Senado Federal. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/04/brasilia-60-anos-2014-brasilia-poetica>. Acesso em: 22. FEV. 2022

REVISTA Manchete. Brasília, Edição Histórica. Brasília: Bloch Editores, 1960.

REVISTA BRASÍLIA, v. 2, n. 17, Mai. 1958.

REVISTA BRASÍLIA, v. 3, n. 28, Abril. 1959

REVISTA BRASÍLIA, v. 3, n. 29, Mai. 1959

REVISTA BRASÍLIA, v. 3, n. 30, Jun. 1959

REVISTA BRASÍLIA, v. 4, n. 39, Mar. 1960

SANDY, Danielly Dias. Artigo: o que são museus monumento e sua arquitetura?.

Revista use. 2021. Disponível em:

<http://www.revistause.com.br/artigo-o-que-sao-museus-monumento-e-sua-arquitetura/>. Acesso em: 22. FEV. 2022

SILVA, Daniel Neves. "Construção de Brasília"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/construcao-de-brasilia.htm>. Acesso em 02 de março de 2022.

SILVA, Jordanna Fonseca; Ana Marcela Ardila Pinto. A dimensão simbólica do espaço urbano: os monumentos e a memória social de uma cidade planejada.

Disponível em:

<<https://proceedings.science/arquisur-2019/papers/a-dimensao-simbolica-do-espaco-urbano--os-monumentos-e-a-memoria-social-de-uma-cidade-planejada?lang=pt-br>>
Acesso em: 17 mar. 2022.

SOARES, E. A narrativa do Museu da Cidade: Brasília inscrita na pedra. *VIRUS*, São Carlos, n. 15, 2017. [online] Disponível em:

<<http://www.nomads.usp.br/virus/virus15/?sec=4&item=7&lang=pt>>. Acesso em: 24 Fev. 2022.

TAVARES, Jeferson. 50 anos do concurso para Brasília – um breve histórico. 2007. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.086/234>. Acesso em: 22 de abril. 2022.

ÚLTIMA HORA, 28/10/1959. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pesq=%22museu%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pagfis=58155>

Acesso em abril de 2022.

ÚLTIMA HORA, 05/04/1960.

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pesq=%22museu%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pagfis=59922>

Acesso em abril de 2022

Anexo 1 - Às 16 Frases internas e as ... externas que compõem o acervo do Museu Histórico de Brasília.

Frases Internas:

1- Ante o perigo externo e para preservar a integridade da capitania na unidade do país, João Fernandes Vieira, nos meados do século XVII, sugere a escolha de duas regiões “as mais longes do mar”. Para sede dos habitantes de Pernambuco o Marquês de Pombal, por 1761, pensa em erguer no sertão uma cidade, não apenas capital da colônia, mas do reino, a meio caminho da África e das Índias, na rota das linhas vitais do seu comércio, quando, em 1807, vários conselhos haviam sido emitidos em favor de semelhante providência.

2- Os autos de devassa da Inconfidência Mineira - 1789/1792 - revelam que “a capital se havia de mudar para São João del rei, por ser aquela vila mais bem situada e farta de mantimentos; e que nesta se haviam de abrir estudos, como em Coimbra, em que também se aprendessem leis” - no depoimento do tenente-coronel Domingos de Abreu Vieira, José Resende Costa Filho, Padre José da Silva de Oliveira Rolim, e outros, que afirmam ser “o malvado alferes” Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, a pessoa de quem teriam ouvido a assertiva.

3- Em notas de 1821 para instruções do governo provisório de São Paulo aos deputados às cortes de Lisboa, José Bonifácio de Andrada e Silva preconiza “criar uma cidade central no interior do Brasil, para assento da regência, que poderá ser em 15º de latitude, em sítio sadio, ameno, fértil, e junto a algum rio navegável” e “abrir desta caminhos de terra para as diversas províncias e portos de mar”, cabendo-lhe a primazia, em 1823, de sugerir o nome Brasília que pela primeira vez ocorrera no ano anterior, em escrito anônimo.

4- A Francisco Adolfo de Varnhagen se deve, a meio do século passado, a mais acurada campanha pela interiorização “qual é o local mais conveniente para fixar a sede do governo imperial?”, pergunta numa de suas memórias “cremos haver deixado demonstrada a conveniência de exclusão de todos os portos de mar”, responde, acrescentando razões de comunicação, transporte, produção, segurança, clima, assistência e ação civilizadoras - que militam para que fique “a distância igual dos cinco pontos, Rio, Bahia, Cidade de Oeiras, Cuiabá e Curitiba”.

5- Em 1822, os deputados brasileiros às cortes de Lisboa, advogam a interiorização da capital; a Constituição política do império do Brasil, de 1824, a possibilita; A Constituição Federal de 1891 acolhe a idéia da transferência da capital da República para o Planalto Central; A Constituição Federal de 1934 reitera o dispositivo sobre a mudança da capital para um ponto central do Brasil; a carta de 10 de novembro de

1937 a torna mera possibilidade, mas a Constituição Federal de 1946 consagra em definitivo a decisão - que aguardaria o executor.

6- Em sua campanha eleitoral pela presidência da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira mantém em cada localidade vivo diálogo com o povo, para ouvir-lhe aspirações e anseios. A 4 de abril de 1955, em Jataí, pequena cidade de Goiás, é inquirido por um popular se é seu propósito construir a nova capital no interior do país. “Cumprirei em toda a sua profundidade a constituição e as leis, a constituição consagra a transferência. É necessário que alguém ouse iniciar o empreendimento - e eu o farei”, responde o candidato.

7- A 18 de abril de 1956, o presidente Juscelino Kubitschek assina em Anápolis a mensagem ao Congresso Nacional em que propõe a criação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital - Novacap - “com a finalidade precípua de promover o planejamento e execução do serviço de localização, urbanização e construção da futura metrópole nacional”. E a 19 de setembro do mesmo ano o Congresso Nacional decreta e o presidente da República sanciona a Lei nº. 2874, que “dispõe sobre a mudança da Capital Federal e dá outras providências”.

8- A 24 de setembro de 1956, o presidente da República aprova, pelo decreto nº. 40017, a constituição da sociedade por ações da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, nomeando Israel Pinheiro da Silva presidente. Bernardo Saião Carvalho Araújo, Ernesto Silva e Íris Meinberg diretores. Publicado o edital para o Concurso Nacional do Plano Piloto, o júri - integrado pelos arquitetos e urbanistas William Holford, André Sive, Stamo Papadaki, Oscar Niemeyer, Hildebrando Horta Barbosa e Paulo Antunes Ribeiro - declara...

9- Vencedor o projeto do arquiteto Lucio Costa, que antevê a cidade “a um tempo derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional”, “concebida não como simples organismo capaz de encher satisfatoriamente sem esforço as funções vitais próprias de uma cidade moderna qualquer, não apenas como *URBS*, mas como *CIVITAS*”, nascida “do gesto primário de quem assinala um lugar ou dêle toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz”.

10- Três de maio de 1957: “No dia do aniversário da descoberta e da primeira missa nas terras de Santa Cruz, muito nos agrada que tão fausta data seja recordada com a celebração da primeira missa em Brasília. Pedindo a Deus que continue a derramar sôbre a generosa Nação Brasileira os seus celestes favores, para que progrida e prospere à luz do evangelho e dos ensinamentos da igreja, concedemos de coração a vossa excelência, às autoridades presentes, à sugestiva cerimônia e a todo o querido povo brasileiroa nossa especial bênção apostólica” - *PIUS PP XII*.

11- A 1 de outubro de 1957, do presidente da República, a sanção da Lei nº. 3273, que fixa o dia 21 de abril de 1960 para a mudança da capital “este ato representa o

passo mais viril, mais enérgico, que a nação dá, após a sua independência política, para a sua plena afirmação, como povo que tomou a seus ombros uma das mais extraordinárias tarefas que a história viu atribuir-se a uma coletividade a de povoar e civilizar as terras que conquistou, vastas como um continente; A de integrar, na comunhão dos povos, um dos mais ricos territórios do mundo”.

12- “Brasília representa para todos os que nela colaboramos experiência tão cheia de lutas e ensinamentos que nunca poderá ser esquecida...Lembro com admiração entusiasmo com que Juscelino Kubitschek conduziu os trabalhos durante três anos, lutando decididamente contra a oposição mais obstinada... Espero que Brasília seja uma cidade de homens felizes; Homens que sintam a vida em toda a plenitude, em toda a fragilidade; Homens que compreendam o valor das coisas simples e puras - um gesto, uma palavra de afeto e solidariedade” - *Oscar Niemeyer*.

13- “Brasília só pode estar aí...Porque a fé em Deus e no Brasil nos sustentou a todos nós... A vós todos, *CANDANGOS*, a que me orgulho de pertencer viestes alguns de Minas Gerais outros dos estados limítrofes, a maioria do Nordeste caminhastes de qualquer maneira até aqui... Porque ouvistes, de longe, a mensagem de Brasília; Porque vos contaram que uma estrêla nova iria acrescentar-se às outras vinte e uma da bandeira pátria. Reconheço e proclamo, neste momento, que sois expressão da força propulsora do Brasil” - *Juscelino Kubitschek*.

14- 1960 A.D. “Viramos no dia de hoje uma página da história do Brasil. Prestigiado, desde o primeiro instante, pelas duas casas do Congresso Nacional e amparado pela opinião pública... Damos por cumprido o nosso dever mais ousado, o mais dramático dever”. “Neste dia - 21 de abril - consagrado ao alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, ao centésimo trigésimo oitavo ano da Independência e septuagésimo primeiro da República, declaro, sob a proteção de Deus, inaugurada a cidade de Brasília, capital dos Estados Unidos do Brasil” - *Juscelino Kubitschek*.

15- Porque cristalizou em sua sensibilidade e vocação de estadista essa aspiração do povo brasileiro; Porque presidiu com ânimo inquebrantável a todos os atos de sua construção; Porque acompanhou com espírito alerta e sem fadiga cada passo à frente; Porque superou com vigor indomável todas as críticas iconoclastas; Porque estimulou com audácia, energia e confiança todos os seus comandados - por tudo isso é erguido este memorial de Brasília, que consagra a sua maior obra - metas e metas...

16- ... - A fim de que os brasileiros de hoje e os de amanhã recebam esta herança, e a honrem, e a aprimorem, e a engrandeçam, na perpetuação da cidade do homem dignificado pelo trabalho, pela fraternidade, pela paz. “Brasileiros ! Daqui, do centro da pátria, levo o meu pensamento a vossos lares e vos dirijo a minha saudação. Explicai a vossos filhos o que está sendo feito agora. É sobretudo para eles que se

ergue esta cidade síntese, prenúncio de uma revolução fecunda em prosperidade. Eles é que nos hão de julgar amanhã”.

Frases Externas:

Fachada Leste:

Ao presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, que desbravou o sertão e ergueu Brasília com audácia, energia e confiança, a homenagem dos pioneiros que o ajudaram na grande aventura.

Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada, com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino.

Brasília 2 de outubro de 1956
Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Fachada Oeste:

1789 - Na antevisão da liberdade os inconfidentes inscrevem em seu programa a localização da capital no interior.

1891 - A Constituição Republicana ordena a mudança da capital para o centro do país. Mandamento que passou as Constituições de 1934 e 1946.

1955 - O candidato à presidência Juscelino Kubitschek de Oliveira, assume solenemente no comício de Jataí o compromisso de erguer no planalto a nova capital.

1956 - O presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, três meses depois de empossado, remete ao congresso a mensagem de Anápolis, que se converteu na Lei nº. 2874, dispondo sobre a mudança e instituindo a Companhia Urbanizadora da Nova Capital, assume a presidência da Novacap o deputado Israel Pinheiro da Silva.

Em 2 de outubro, o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira visita o local escolhido e determina as primeiras providências para o início da construção.

1960 - Em 21 de abril o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira entrega ao país sua nova capital, Brasília, que construída com destemor, sacrifício e determinação, assinala o certo e desejado encontro do Brasil.

Anexo 2 - Edital para o Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil

A Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal, com sede na Avenida Presidente Wilson, 210, salas 306 e 307, nesta Capital, torna pública a abertura do concurso nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil, sob as normas e condições estabelecidas no presente Edital.

Inscrição:

1. Poderão participar do concurso as pessoas físicas ou jurídicas domiciliadas no país, regularmente habilitadas para o exercício da engenharia, da arquitetura e do urbanismo.
2. As inscrições dos concorrentes estarão abertas dentro de 10 (dez) dias a partir da data da publicação do presente Edital no Diário Oficial da União e serão feitas mediante requerimento dirigido ao Presidente da Comissão, pelo prazo de 15 dias, contado da abertura das inscrições.
3. O Plano Piloto deverá abranger:
 - a) traçado básico da cidade, indicando a disposição dos principais elementos da estrutura urbana, a localização e interligação dos diversos setores, centros, instalações e serviços, distribuição dos espaços livres e vias de comunicação (escala 1:25.000);
 - b) relatório justificativo.
4. Os concorrentes poderão apresentar, dentro de suas possibilidades, os elementos que serviram de base ou que comprovem razões fundamentais de seus planos, como sejam:
 - a) esquema cartográfico da utilização prevista para a área do Distrito Federal, com a localização aproximada das zonas de produção agrícola, urbana, industrial, de preservação dos recursos naturais - inclusive florestas, caça e pesca, controle de erosão e proteção de mananciais - e das redes de comunicação (escala 1:50.000)
 - b) cálculo do abastecimento de energia elétrica, de água e de transporte, necessários à vida da população urbana;
 - c) esquema do programa de desenvolvimento da cidade, indicando a progressão por etapas e a duração provável de cada uma;
 - d) elementos técnicos para serem utilizados na elaboração de uma lei reguladora da utilização da terra e dos recursos naturais da região;
 - e) previsão do abastecimento de energia elétrica, de água, de transporte e dos

demais elementos essenciais à vida da população urbana;

f) equilíbrio e estabilidade econômica da região, sendo previstas oportunidades de trabalho para toda a população e remuneração para os investimentos planejados;

g) previsão de um desenvolvimento progressivo equilibrado, assegurando a aplicação dos investimentos no mais breve espaço de tempo e a existência dos abastecimentos e serviços necessários à população em cada etapa do programa;

h) distribuição conveniente da população nas aglomerações urbanas e nas zonas de produção agrícola, de modo a criar condições adequadas de convivência social.

5. Só poderão participar deste concurso equipes dirigidas por arquitetos, engenheiros ou urbanistas, domiciliados no país e devidamente registrados no Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura.

6. O Plano Piloto deverá ser executado a tinta, cópia heliográfica ou fotostática, sobre fundo branco e trazer a assinatura dos seus autores, sendo vedada a apresentação de variantes, podendo, entretanto, o candidato apresentar mais de um projeto.

7. Os relatórios devem ser apresentados em sete vias.

8. O Júri, presidido pelo Presidente da Cia. Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, compor-se-á de: dois representantes da Cia. Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, um do Instituto de Arquitetura do Brasil, um do Clube de Engenharia e dois urbanistas estrangeiros.

9. Os trabalhos deverão ser entregues dentro de 120 dias, a partir da data da abertura das inscrições.

10. O Júri iniciará seu trabalho dentro de cinco dias a contar da data do encerramento do concurso e o resultado será publicado logo após a conclusão do julgamento.

11. Os concorrentes, quando convocados, farão defesa oral de seus respectivos projetos perante o Júri.

12. A decisão do Júri será fundamentada, não cabendo dela qualquer recurso.

13. Após a publicação do resultado do julgamento, a Cia. Urbanizadora da Nova Capital do Brasil poderá expor os trabalhos em lugar acessível ao público.

14. Os autores do Plano Piloto, classificados em primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto lugares, receberão os prêmios de Cr\$ 1.000.000,00 (um milhão de

cruzeiros), Cr\$ 500.000,00 (quinhentos mil cruzeiros), Cr\$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros), Cr\$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros) e Cr\$ 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros), respectivamente.

15. Desde que haja perfeito acordo entre os autores classificados em primeiro lugar e a Cia. Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, terão aqueles a preferência para o desenvolvimento do projeto.

16. O Júri não será obrigado a classificar os cinco melhores trabalhos e conseqüentemente a designar concorrentes que devam ser premiados, se, a seu juízo, não houver trabalhos merecedores de todos ou de alguns dos prêmios estipulados.

17. Todo trabalho premiado passará a ser propriedade da Cia. Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, após o pagamento do prêmio estipulado, podendo dele fazer o uso que achar conveniente.

18. A Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal coloca à disposição dos concorrentes, para consulta, os seguintes elementos:

a) mosaico aerofotográfico, na escala de 1:50.000, com curvas de forma de 20 em 20 metros (apoiados em pontos de altura determinados no terreno por altímetro de precisão Wallace & Tiernan e de todo o Distrito Federal;

b) mapas de drenagem de todo o Distrito Federal;

c) mapas de Geologia de todo o Distrito Federal;

d) mapas de solos para obras de engenharia de todo o Distrito Federal;

e) mapas de solos para agricultura de todo o Distrito Federal;

f) mapas de utilização atual da terra de todo o Distrito Federal;

g) mapa de conjunto, indicando locais para perfuração de poços, exploração de pedreiras, instalações de usinas hidrelétricas, áreas para cultura, áreas para criação de gado, áreas para recreação, locais para aeroportos, etc., etc.;

h) mapa topográfico regular, na escala de 1:25.000, com curvas de nível de 5 em 5 metros, executado por aerofotogrametria, cobrindo todo o sítio da Capital (cerca de 1.000 km²) e mais uma área de 1.000 km² a leste do Sítio da Capital, abrangendo a cidade de Planaltina e grande parte do vale do Rio São Bartolomeu;

i) ampliação fotográfica dos mapas do sítio da Capital (200 km²) para a escala de 1:5.000, com curvas de nível de 5 em 5 metros;

j) mapas detalhados de drenagem, geologia, solos para engenharia, solos para agricultura e utilização da terra, do sítio da cidade (1.000 km²) e mais 1.000 km² a

leste deste sítio;

k) mapas topográficos regulares, na escala de 1:2.000, com curvas de nível de metro em metro e de dois em dois metros, da área de 150 km², indicada como ideal para a localização da zona urbana da Capital Federal;

l) relatório minucioso relativo aos estudos do solo e do subsolo, do macro clima e do micro clima, das águas superficiais e subterrâneas, das possibilidades agrícolas e pecuárias, etc., etc.

19. Caberá aos concorrentes providenciar as cópias heliográficas, fotográficas, etc., que julgarem indispensáveis à elaboração dos projetos, sendo que, para esse fim, serão fornecidos os seguintes elementos:

a) mapas topográficos regulares em 1:25.000, com curvas de 5 em 5

metros, do sítio da Capital; b) mapas ampliados para a escala de

1:5.000, de 200 km² do sítio da Capital;

c) mapas topográficos regulares, na escala de 1:2.000, com curvas de nível de metro em metro e de dois em dois metros, da área de 150 km², indicada como ideal para a localização da zona urbana da Capital Federal.

20. A Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal facilitará aos concorrentes visita ao local da futura Capital, para melhor conhecimento da região.

21. Qualquer consulta ou pedido de esclarecimento sobre o presente concurso deverá ser feito por escrito, sendo que as respectivas respostas serão remetidas a todos os demais concorrentes.

22. As publicações relativas ao concurso serão inseridas no Diário Oficial da União e em outros jornais de grande circulação no Distrito Federal e nas principais capitais Estaduais.

23. A Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal, considerando que o planejamento de edifícios escapa ao âmbito deste concurso, decidiu que os projetos dos futuros edifícios públicos serão objeto de deliberações posteriores, a critério desta Comissão.

24. A participação neste concurso importa, da parte dos concorrentes, em integral concordância com os termos deste Edital.

Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1956.

Ernesto Silva,

**Presidente da Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da
Capital Federal
Informações Complementares**

Carta remetida pelo Presidente da NOVACAP ao Presidente da Comissão de Planejamento e Mudança da Capital Federal, informando sobre a nova redação do item 15 do Edital do Concurso do Plano Piloto.

Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1956. O Sr. Presidente:

Em complemento à exposição que tive oportunidade de fazer aos Diretores e Representantes do Instituto de Arquitetos do Brasil, esclareço, pelo presente, alguns pontos do Edital do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil, os quais suscitaram dúvidas na sua interpretação.

Assim, o artigo 15 deverá ser assim entendido: "Os autores classificados em primeiro lugar ficarão encarregados do desenvolvimento do projeto, desde que haja perfeito acordo com a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil sobre as condições para a execução desse trabalho." Comunico-lhe, ainda, que determinei o prazo de 120 dias para a entrega do Plano Piloto, contado a partir da data do encerramento das inscrições e que sejam fornecidas aos concorrentes, cópias do relatório Belcher, nas partes que lhes possam interessar.

Reitero os meus protestos de elevado apreço.

Israel Pinheiro, Presidente da NOVACAP

**Correspondência enviada pelo Diretor do Departamento de Urbanismo e
Arquitetura da NOVACAP ao Instituto dos Arquitetos do Brasil, fornecendo
mais informações para o Concurso do Plano Piloto.**

Ao Sr. Dr. Ary Garcia Roza DD. Presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil o Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Companhia Urbanizadora responde às consultas formuladas, até esta data, pelos concorrentes ao Plano Piloto da Nova Capital:

1 - Ventos dominantes

Predominam os ventos do leste.

2 - Estrada de ferro

Uma estrada de ferro deve ligar Anápolis ou Vianópolis à Nova Capital.

3 - Estrada de rodagem

Deverá ser projetada de Anápolis a Brasília.

4 - Represa, Hotel, Palácio Residencial e Aeroporto

A represa (cujo nível corresponderá à cota 997), o hotel e o palácio residencial ficarão situados de acordo com a planta já fixada e à disposição dos concorrentes. O palácio do Governo projetado aguardará fixação do Plano Piloto. Nessa planta se acha também localizado o aeroporto definitivo, já em construção.

5 - Ministérios

Para os estudos do Plano Piloto permanece a atual organização ministerial, acrescida de três ministérios. Somente cerca de 30% dos funcionários serão transferidos.

6 - Industria e agricultura

Deverá prever-se um desenvolvimento limitado, em vista do caráter político-administrativo da Nova Capital. 7 - Loteamento e tipo de propriedade

O assunto aguardará sugestões do Plano Piloto.

8 - Densidade

Provisão para 500.000 habitantes, no máximo.

9 - Construções em andamento

Estão sendo iniciadas as obras de um hotel e de um palácio residencial para o Presidente da República. Além dessas obras, estão em construção, em caráter provisório, as instalações necessárias ao funcionamento da Companhia Urbanizadora e dos serviços que ali se iniciam.

10 - Relatório

Foi enviada cópia do relatório ao Instituto de Arquitetos do Brasil e à Faculdade de Arquitetura de São Paulo. 11 - Apresentação dos trabalhos

Os concorrentes terão plena liberdade na - apresentação de seus projetos, inclusive no uso de cores, etc. 12 - Escala

A escala para o Plano Piloto permanecerá de. .. 1:25.000, entretanto será permitido aos concorrentes apresentar detalhes do referido plano na escala que desejarem.

13 - Colaboradores

O arquiteto inscrito no concurso para o Plano Piloto de Brasília terá plena liberdade na escolha de seus colaboradores, que poderão assinar as plantas apresentadas.

14 - Defesa oral

Na defesa oral, os arquitetos poderão ter a assistência de seus colaboradores.

Oscar Niemeyer, Diretor do Departamento de Urbanismo e Arquitetura.